

OS NOMES RECÍPROCOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Luana Lopes Amaral¹

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo:

Neste trabalho tomamos como objeto de estudo quatorze nomes recíprocos do português brasileiro. Coletamos e analisamos esses nomes com base nos estudos de Godoy (2008, 2009) e de Cañado (2009). Assumimos, assim como Mioto et al. (2007), que não só verbos podem ser predicadores, mas também os nomes. Nosso objetivo foi investigar se os nomes estudados são predicadores e quais são as configurações sintáticas em que podem ocorrer. Procuramos também semelhanças entre a sintaxe desses nomes, a fim de corroborar ou não a hipótese de que a semântica determina a sintaxe. Concluímos que a manifestação sintática dos nomes recíprocos é muito semelhante à dos verbos recíprocos, o que leva a crer que a propriedade semântica de reciprocidade determina a sintaxe desses nomes.

Palavras-Chave: nomes recíprocos, sintaxe, semântica, português brasileiro.

Abstract:

In this paper the object of study are fourteen reciprocal names in Brazilian Portuguese. We collected and analyzed these nouns based on the studies of Godoy (2008, 2009) and Cañado (2009). We assumed, following Mioto et al. (2007) that not only verbs can be predicators, but also nouns. Our objective was to investigate whether the nouns studied are predicators and in which syntactical configurations they can occur. We also looked for similarities between the syntax of these nouns in order to corroborate or not the hypothesis that semantics determines syntax. We concluded that the syntactic manifestation of reciprocal nouns is very similar to that of reciprocal verbs, which leads us to believe that the semantic property of reciprocity determines the syntax of these nouns.

Key-words: reciprocal nouns, syntax, semantics, Brazilian Portuguese.

¹ Agradeço às professoras Regina Dell'Isola e Márcia Cañado pelo apoio e incentivo na publicação deste artigo e pela leitura do mesmo. Agradeço especialmente à Luisa Godoy.

I. Introdução

Existe uma classe de verbos no português brasileiro, denominada por Godoy (2008, 2009) de verbos recíprocos, que apresenta características semânticas e sintáticas bem particulares. Semanticamente, esses verbos denotam um evento recíproco, ou seja, um evento em que há dois ou mais participantes envolvidos em uma relação mútua (CRYSTAL, 2000). Sintaticamente, esses verbos se caracterizam por apresentarem duas formas, denominadas por Godoy (2008, 2009) de simples e descontínua. Exemplos de verbos recíprocos são apresentados em (1)-(3):

- (1) João e Maria conversaram.
- (2) João e Maria partilharam a sobremesa.
- (3) João juntou a farinha e o leite.

As manifestações sintáticas dos verbos recíprocos em (1)-(3) são as formas simples, assim designadas porque os participantes do evento recíproco ocorrem na sintaxe como um único argumento, em uma única posição sintática, seja ela sujeito, nos exemplos (1) e (2), ou objeto, no exemplo (3). A seguir, apresentamos exemplos desses verbos na forma descontínua, assim designada porque os participantes do evento recíproco são argumentos diferentes e ocupam cada um uma posição sintática, sendo uma delas sujeito ou objeto e a outra adjunto, encabeçado pela preposição *com* ou pela preposição *de*.

- (4) João conversou com Maria.
- (5) João partilhou a sobremesa com Maria.

(6) João juntou a farinha com o leite.

Além dos verbos recíprocos, existem palavras de uma outra classe que trazem lexicalmente a propriedade semântica de reciprocidade. Essas palavras são os nomes (ou substantivos) recíprocos, que são objeto de estudo desta pesquisa. Podemos definir os nomes recíprocos como nomes que denotam uma relação mútua entre dois ou mais participantes. Alguns exemplos desses nomes são apresentados a seguir:

(7) *namoro, noivado, briga, luta, conversa, divergência*

Nosso propósito, neste trabalho, é analisar semântica e sintaticamente esses nomes, procurando entender como se dá a relação da propriedade semântica de reciprocidade e a manifestação sintática de palavras que trazem essa propriedade lexicalmente em seu significado.

Os objetivos gerais desta pesquisa são:

- Corroborar a hipótese de que a semântica determina a sintaxe;
- Contribuir com a descrição do português brasileiro;
- Levantar a questão da transitividade dos nomes.

Para confirmar ou não as hipóteses que serão apresentadas na seção 5, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- Fazer um pequeno levantamento de nomes recíprocos do português brasileiro, a partir dos dados coletados por Godoy (2008);
- Identificar quais são as possibilidades de manifestação sintática dos nomes recíprocos.

2. Uma base teórica para a análise: argumentos, predicadores e acarretamento

Para analisar nossos dados, utilizaremos a noção de argumento desenvolvida em Cançado (2009). A autora, adotando a proposta da lógica, define um predicador como uma expressão linguística que não possui seu sentido completo, ou seja, é uma expressão insaturada. Nesse sentido, podemos tomar os verbos como sendo os predicadores prototípicos, pois precisam de outros elementos para que tenham uma referência no mundo. Por exemplo, o verbo *morrer* precisa necessariamente de alguém que morre para que seu sentido se complete. Aos elementos que saturam o sentido de um predicador, chamamos argumentos. Cançado (2009) define argumento como todas as informações de sentido ou propriedades semânticas acarretadas pelo predicador para que seu sentido se sature.

Analisemos, então, a noção de acarretamento. Cançado (2005) a define da seguinte maneira:

- (8) Duas sentenças estabelecem uma relação de acarretamento quando:

- a sentença (a) é verdadeira, a sentença (b) também é verdadeira;
- =
- a informação da sentença (b) está contida na informação da sentença (a);
- =
- a sentença (a) e a negação da sentença (b) são sentenças contraditórias.

(Cançado 2005: 30)

Para entender melhor do que se trata a relação de acarretamento, analisemos as sentenças em (9):

- (9) a. Maria comprou um cachorro.
b. Maria comprou um animal.

Dizemos que (9a) acarreta (9b), pois se *Maria comprou um cachorro* é verdade, é também verdade *Maria comprou um animal*. Ainda, a informação de (9b) está contida na informação de (9a) e a negação de (9b) em (10) claramente contradiz (9a).

- (10) Maria não comprou um animal.

No caso dos argumentos de um predicador, Cançado (2009) utiliza uma noção mais específica de acarretamento: o acarretamento lexical, que é o grupo de propriedades semânticas que inferimos sobre determinado item lexical e que não podemos negar quando empregamos o item. Assim, os argumentos são acarretados

lexicalmente pelos predicadores, pois quando negados contradizem o predicador:

- (11) João comprou um carro.
- (12) João comprou um carro, mas não comprou um carro de ninguém.

A sentença em (12) contradiz a sentença em (11), pois a fonte da ação de comprar é um acarretamento lexical do predicador *comprou*, ou seja, é um argumento do verbo.

Uma última observação sobre essas noções é a manifestação dos argumentos na sintaxe. Assumimos neste trabalho a proposta de Cançado (2009), em que argumento é uma noção estritamente semântica, não importando se os argumentos aparecem na sentença como complemento (objeto direto) ou adjunto (encabeçado por preposição). Nessa perspectiva, assumimos para o verbo *comprar*, por exemplo, que o comprador, o objeto da compra, a fonte da compra e o valor são argumentos do verbo, pois são elementos semânticos que saturam seu sentido. Esses argumentos aparecem explícitos na sentença em (13):

- (13) João comprou um carro de Maria por 30 mil reais.

Ainda nessa perspectiva, assumimos que o apagamento de um argumento na sintaxe não significa que ele não seja necessário para a saturação do sentido do predicador, como mostram os exemplos em (14):

- (14) a. João comprou um carro de Maria.

- b. João comprou um carro por 30 mil reais.
- c. João compra de Maria.

3. Os verbos recíprocos e a hipótese da determinação semântico-lexical sobre a sintaxe

Godoy (2008, 2009) estabelece que, se um verbo é recíproco, sua forma simples acarreta suas formas descontínuas:

- (15) a. João e Maria conversaram.
- b. João conversou com Maria.
- c. Maria conversou com João.

A negação das sentenças (15b) e (15c) em (16) e (17), respectivamente, contradiz (15a), o que mostra que (15a) acarreta (15b) e (15c).

- (16) João não conversou com Maria.
- (17) Maria não conversou com João.

Verbos que não são recíprocos, mas possuem as mesmas formas na sintaxe, não possuem uma relação de acarretamento entre as formas simples e descontínua:

- (18) a. João e Maria jantaram.
- b. João jantou com Maria.
- c. Maria jantou com João.

A negação de (18b) e de (18c) não contradiz (18a), como mostra o exemplo (19):

- (19) João e Maria jantaram, mas João não jantou com Maria nem Maria jantou com João.

A relação de acarretamento mostra que a propriedade semântica de reciprocidade faz parte do significado lexical dos verbos recíprocos, ou seja, os falantes do português brasileiro têm armazenada no léxico essa informação.

Assim, Godoy (2009) argumenta que os verbos recíprocos são uma classe, pois eles compartilham propriedades semânticas e sintáticas. Há uma propriedade semântica específica desses verbos, a reciprocidade, que é de natureza lógica, que determina a manifestação sintática desses verbos. O estudo de Godoy (2009) corrobora a hipótese da determinação semântico-lexical sobre a sintaxe, pois a propriedade de reciprocidade determina que o verbo apresentará, na sintaxe, uma forma simples e uma forma descontínua.

A hipótese da determinação semântico-lexical sobre a sintaxe parte de evidências empíricas que mostram que verbos que apresentam propriedades semânticas em comum possuem manifestações sintáticas semelhantes, ou seja, seus argumentos se configuram de forma semelhante na sintaxe. A hipótese postula, então, que informações semânticas que se encontram armazenadas no léxico são relevantes para a estruturação sintática dos itens lexicais.

4. O objeto de estudo: os nomes recíprocos

A partir da definição dos verbos recíprocos, chegamos a outra classe de palavras que pode denotar reciprocidade: os nomes, neste caso os substantivos. Existem também no português brasileiro, nomes que denotam uma relação mútua entre dois ou mais participantes. Esses nomes podem ser originados dos verbos recíprocos através de um processo morfológico de formação de palavras, a derivação, que é um processo que cria novas palavras a partir de palavras já existentes. Normalmente, a nova palavra pertence a uma classe diferente da palavra originária. Exemplos de derivação são apresentados em (20)-(24):

- (20) nação – nacional / substantivo - adjetivo
- (21) nacional – nacionalizar / adjetivo - verbo
- (22) criar – criação / verbo - substantivo
- (23) feliz – felizmente / adjetivo - advérbio
- (24) feliz – infeliz / adjetivo - adjetivo

O exemplo em (24) mostra um caso de derivação em que a classe da palavra originária não é alterada. Como mostra o exemplo em (22), substantivos podem ser derivados de verbos. Os substantivos que são derivados dos verbos recíprocos também possuem essa característica semântica de reciprocidade, são esses substantivos o objeto de estudo deste trabalho, e os chamaremos de nomes recíprocos. Alguns exemplos de nomes recíprocos:

- (25) *conversa, partilha, namoro, noivado, luta, acordo, diálogo, empate, divergência*

Analisaremos os dados com base nos estudos de Godoy (2008, 2009) sobre os verbos recíprocos e em Cançado (2009).

5. Hipóteses

Encontramos na literatura diversos trabalhos sobre a realização sintática dos argumentos de predicadores verbais. Vários autores, porém, tomando como exemplo Miotto et al. (2007) e Cançado (2009), assumem que não só os verbos podem ser predicadores. Entre as outras classes de palavras referidas mais comumente como exemplos de predicadores não verbais estão as preposições e os nomes.

Apesar de os pesquisadores da área assumirem que não só os verbos podem ser predicadores, é difícil encontrar na literatura estudos sobre a estrutura argumental de predicadores não verbais. Justificamos assim esta pesquisa, que inova no sentido de que busca entender um fenômeno largamente estudado, a realização na sintaxe dos argumentos de um determinado predicador, em dados que não costumam ser analisados dentro dessa perspectiva.

Definido e justificado o objeto de estudo, podemos apresentar três problemas de pesquisa. O primeiro deles diz respeito à hipótese da determinação semântico-lexical sobre a sintaxe. Godoy (2009) assume, junto com outros pesquisadores, que a semântica delimita ou restringe a manifestação sintática dos verbos. Assim, se vários verbos possuem uma mesma configuração sintática, eles devem possuir alguma propriedade semântica comum. A autora utiliza o caso dos verbos recíprocos para corroborar essa afirmação, mostrando que a reciprocidade determina uma certa configuração sintática, comum a

todos os verbos recíprocos, que é o fato de eles possuírem as formas simples e descontínua. Assumindo, então, que a semântica dos verbos delimita sua manifestação na sintaxe, o que podemos dizer sobre os nomes? Os nomes que possuem uma mesma propriedade semântica apresentam também configurações sintáticas iguais? Os nomes recíprocos também têm formas simples e descontínuas?

Podemos dizer que o segundo problema diz respeito à transitividade dos nomes recíprocos. Segundo Godoy (2008), os verbos recíprocos apresentam um argumento de denotação plural ou dois argumentos. Miotto et al. (2007) assumem que também nomes podem ser predicadores, ou seja, podem precisar de argumentos que completem seu sentido. Assim, a pergunta que surge é: será que os nomes recíprocos são predicadores? Se são, de quais argumentos eles precisam? Esses argumentos são semelhantes de alguma maneira aos argumentos dos verbos recíprocos?

O terceiro problema diz respeito à noção de simetria. Sabemos que a forma simples dos verbos recíprocos é simétrica, no sentido de que o desencadeamento da ação ou o processo parte de todos os participantes, de forma que nenhum tem mais iniciativa que o outro. Já as formas descontínuas não são simétricas, pois nelas há um participante que toma a iniciativa no desencadeamento da ação recíproca ou que é afetado primeiro no processo. Partindo de exemplos como (15), repetido em (26), que explicitam a noção da simetria, nos perguntamos se os nomes recíprocos são simétricos ou não, ou ainda, se apresentam duas formas, uma simétrica e uma não simétrica.

- (26) a. João e Maria conversaram.
b. João conversou com Maria.

c. Maria conversou com João.

A partir desses problemas levantamos as seguintes hipóteses:

- Os nomes recíprocos corroboram a hipótese de que a semântica determina a sintaxe, pois assim como os verbos recíprocos, eles apresentam uma forma simples e uma forma descontínua.
- Os nomes recíprocos são transitivos, ou seja, são predicadores e tomam argumentos semelhantes aos dos verbos recíprocos, ou seja, um argumento de denotação plural ou dois argumentos.
- Quanto à questão da simetria, os nomes recíprocos possuem duas formas, uma simétrica e uma não simétrica, representadas, respectivamente, pelas formas simples e descontínua.

6. Metodologia

Para a coleta dos dados, utilizamos intuitivamente o processo morfológico de derivação, derivando quatorze nomes de quatorze dos verbos recíprocos coletados por Godoy (2008). Alguns exemplos:

- (27)
- | | |
|-------------|--------------|
| a. colidir | – colisão |
| b. namorar | – namoro |
| c. dialogar | – diálogo |
| d. brigar | – briga |
| e. negociar | – negociação |

- f. comentar – comentário
- g. discutir – discussão
- h. partilhar – partilha
- i. nivelar – nivelamento
- j. misturar – mistura

Coletados os dados, partimos para a formação de sentenças com nomes recíprocos, utilizando a nossa intuição de falantes para julgamento dessas sentenças. A partir delas, verificamos quais e quantas são as possibilidades de manifestação sintática desses nomes. Alguns exemplos de sentenças criadas:

- (28) a. João viu a colisão entre o carro e o ônibus.
- b. João ouviu a conversa entre Pedro e Paulo.
- c. João sabe do namoro de Maria com Pedro.
- d. João promoveu a partilha entre os irmãos.
- e. João bebeu a mistura de leite com vinho.

Criadas as sentenças, partimos para os testes, utilizando a noção de acarretamento lexical para verificar se os nomes recíprocos são predicadores em todos os dados. De acordo com Cançado (2009), os argumentos são acarretados pelos predicadores, então, se um nome recíproco tiver um ou mais argumentos, esses contradizem o nome quando negados. Vejamos um exemplo da aplicação do teste de acarretamento:

- (29) a. João viu uma luta.
- b. João não viu ninguém lutar com ninguém.

A sentença (29b) contradiz (29a), ou seja, em uma luta, necessariamente existem pelo menos dois participantes que lutam. Então, o nome *luta* acarreta dois argumentos ou um argumento de denotação plural, participantes da luta, que são explicitados na sentença em (30):

(30) João viu uma luta entre jogadores de futebol.

Aplicamos ainda outro teste. O de que os possíveis argumentos dos nomes recíprocos são sempre adjuntos encabeçados por preposição, como nos exemplos em (28). Segundo Cançado (2009), preposições podem ou não ser predicadores. Quando as preposições são predicadores, os elementos que seguem são argumentos da preposição. Quando as preposições não são predicadores, os argumentos são de algum outro predicador da sentença. Assim, se os adjuntos dos nomes recíprocos são argumentos desses nomes, as preposições que os encabeçam não podem ser predicadores. Utilizamos o teste da troca de preposição, proposto por Cançado (2009), para verificar se as preposições que encabeçam os possíveis argumentos dos nomes recíprocos são ou não predicadores. Preposições que são predicadores podem ser trocadas livremente por outras preposições, enquanto preposições que não são predicadores somente podem ser trocadas por preposições de mesmo sentido. Um exemplo da aplicação desse teste:

(31) a. João sabe do namoro na pracinha.
b. João sabe do namoro na frente de/ pela/ sobre/ em baixo de/ a pracinha.

- (32) a. João sabe do noivado de João e Maria.
b. João sabe do noivado *em/ *sobre/ *com/ *na frente de/ *sob /entre/ de João e Maria.

Os exemplos em (31) mostram que *em* é uma preposição predicadora e *a pracinha* é argumento da preposição e não do nome *namoro*. Já os exemplos em (32) mostram que a preposição *de* não é predicadora e *João e Maria* é argumento do nome *noivado*. Para validar ainda mais o teste proposto, observemos o exemplo a seguir:

- (33) João sabe da briga de João e Maria com/ por/ sobre/ sem um martelo.

No exemplo em (33), podemos trocar a preposição que encabeça *um martelo* por outra que possui sentido diferente, o que mostra que a preposição é predicadora e *um martelo* é argumento da preposição.

7. Resultados e discussão

Os resultados alcançados nesta pesquisa foram favoráveis às hipóteses levantadas. A primeira hipótese foi confirmada. A análise dos dados mostrou que a reciprocidade é uma propriedade relevante na manifestação sintática dos nomes recíprocos, pois, assim como os verbos, eles apresentam as formas simples e descontínua, e também a forma simples dos nomes acarreta suas formas descontínuas. O fato de os nomes também apresentarem essas duas configurações sintáticas nos leva a crer que a hipótese da determinação semântico-lexical sobre a sintaxe se confirma também para os nomes estudados.

Alguns exemplos de formas simples, nos exemplos em (a), e descontínuas, nos exemplos em (b), dos nomes recíprocos são apresentadas em (34)-(44):

- (34) a. João viu a briga entre os jogadores de futebol.
b. João viu a briga de um jogador com o outro.
- (35) a. João ouviu a conversa entre os vizinhos.
b. João ouviu a conversa de um vizinho com o outro.
- (36) a. João sabe da coincidência entre os aniversários de Pedro e Maria.
b. João sabe da coincidência do aniversário de Pedro com o de Maria.
- (37) a. João soube do empate entre Cruzeiro e Atlético.
b. João soube do empate do Cruzeiro com o Atlético.
- (38) a. João viu a colisão entre o carro e o ônibus.
b. João viu a colisão do carro com o ônibus.
- (39) a. João ouviu a discussão entre os alunos.
b. João ouviu a discussão de um aluno com o outro.
- (40) a. João sabe da partilha da sobremesa entre os irmãos.
b. João sabe da partilha da sobremesa de um irmão com o outro.
- (41) a. João viu o nivelamento dos pisos.

- b. João viu o nivelamento de um piso com outro.
- (42) a. João bebeu a mistura de leite e vinho.
b. João bebeu a mistura de leite com vinho.
- (43) a. João sabe da aliança entre Brasil e EUA.
b. João sabe da aliança do Brasil com os EUA.
- (44) a. O juiz promoveu a reconciliação entre o casal.
b. O juiz promoveu a reconciliação do marido com a mulher.

Nossa segunda hipótese também foi confirmada, uma vez que os testes aplicados mostraram que os nomes recíprocos são transitivos e tomam, como os verbos recíprocos, dois argumentos ou um argumento de denotação plural. Os exemplos a seguir mostram que se os possíveis argumentos dos nomes recíprocos são negados, a sentença contradiz o nome:

- (45) a. João viu a briga.
b. João não viu ninguém brigar com ninguém.
- (46) a. João viu a colisão.
b. João não viu nada colidir com nada.
- (47) a. João ouviu a conversa.
b. João não viu ninguém conversar com ninguém.
- (48) a. João ouviu a discussão (do/ sobre o assunto).

- b. João não ouviu ninguém discutir (do/ sobre o assunto) com ninguém.
- (49) a. João viu a mistura.
b. João não viu nada se misturar a nada.
- (50) a. João viu o nivelamento.
b. João não viu nada se nivelar a nada.

Apresentamos também exemplos que mostram que os nomes recíprocos tomam um argumento de denotação plural ou dois argumentos, mas nunca um argumento de denotação singular:

- (51) a. O João sabe sobre a coincidência entre os aniversários de Maria e Pedro.
b. O João sabe sobre a coincidência do aniversário de Maria com o de Pedro.
c. O João sabe sobre a coincidência entre eles/deles.
d.*O João sabe sobre a coincidência do aniversário de Maria.

Entretanto, exemplos como o em (52) parecem contrariar a nossa afirmação:

- (52) a. O João soube da briga de Maria.

Lembramos então, que argumentos podem ser omitidos na sintaxe e que mesmo em um caso como o da sentença em (52), os nomes recíprocos acarretam um argumento de denotação plural ou

dois argumentos. Sabemos, pelo significado da palavra *briga* que, mesmo não estando explícito na sintaxe, existe outro participante da briga além de Maria.

O segundo teste que aplicamos também demonstrou que os nomes recíprocos são transitivos. O teste consistia em trocar as preposições que ocorriam com os possíveis argumentos dos nomes recíprocos e verificar se tais eram argumentos dos nomes ou das preposições. Exemplificamos o teste aplicado nos exemplos (53)-(57):

- (53) a. O João sabe sobre a briga entre Maria e Pedro.
b. O João sabe sobre a briga de/ *a/ *na frente de/ *depois de/ *com/ *para/ *por Maria e Pedro.
- (54) a. O João sabe sobre a colisão entre o carro e a moto.
b. O João sabe sobre a colisão *de/ *a/ *na frente de/ *depois de/ *para/ *por o carro e a moto.
- (55) a. O João sabe sobre a divergência entre as idéias de Maria e Pedro.
b. O João sabe sobre a divergência de/ *a/ *na frente de/ *depois de/ *com/ *para/ *por as idéias de Maria e Pedro.
- (56) a. O João sabe sobre a aliança entre os países.
b. O João sabe sobre a aliança de/ *a/ *na frente de/ *depois de/ com/ *para/ *por os países.
- (57) a. O João sabe sobre o nivelamento entre os pisos.

b. O João sabe sobre o nivelamento de/ *a/ *na frente de/ *depois de/ *com/ *para/ *por os pisos.

A nossa terceira hipótese também foi confirmada. Observamos, quanto à simetria, que os nomes recíprocos apresentam duas formas: uma simétrica e uma assimétrica, explicitadas sintaticamente pelas formas simples e descontínua, respectivamente. A fim de mostrar como se dá a simetria nos nomes recíprocos, apresentamos o seguinte exemplo:

(58) O João bebeu a mistura de leite e vinho.

Os participantes da relação recíproca na sentença em (58), o leite e o vinho, desempenham o mesmo papel, no sentido de que não existe nenhuma ordem lógica ou hierárquica entre eles. Por isso, chamamos a forma simples de simétrica.

(59) O João bebeu a mistura de leite com vinho.

Já no exemplo em (59), os participantes da relação recíproca desempenham papéis diferentes. Intuitivamente, inferimos da sentença em (59) que a mistura que o João bebeu foi feita adicionando-se leite a vinho, e não o contrário. Nesse sentido, podemos dizer que a forma descontínua é assimétrica. Um outro exemplo que torna clara a questão da simetria é o nome *colisão*.

(60) O João viu a colisão entre o carro e a moto.

Em (60), há uma relação simétrica entre o carro e a moto. O papel de ambos na relação recíproca é o mesmo. Já no exemplo em (61), não há simetria na relação de colisão, pois o papel de cada participante é diferente. A sentença em (61) só pode significar que a moto se moveu em direção ao carro, e não o contrário.

(61) O João viu a colisão da moto com o carro.

8. Conclusão

Concluimos que os nomes recíprocos possuem uma estrutura argumental muito semelhante à estrutura argumental dos verbos recíprocos. Em geral, os nomes estudados possuem o mesmo número e o mesmo tipo de argumentos que os verbos. Esse fato corrobora a hipótese da determinação da semântica sobre a sintaxe, pois claramente os nomes e os verbos recíprocos compartilham propriedades semânticas e sintáticas. O trabalho mostrou que é possível estudar a transitividade de elementos não verbais, e que um estudo como esse pode ser relevante para as teorias sintáticas e semânticas que procuram explicar as diversas manifestações dos argumentos de determinados predicadores. Assumimos que os dados analisados nesta pesquisa são limitados e deixamos a proposta de uma pesquisa mais extensa, que analise uma grande quantidade de nomes recíprocos. Fica também a idéia de estudar nomes predicadores derivados de outras classes de verbos, e ainda, de nomes não vinculados a verbos.

Referências

CANÇADO, Márcia. (2009). Argumentos: complementos e adjuntos. *ALFA- Revista de Linguística*, 53 (1): 35-59.

_____. (2005) *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte, UFMG.

CRYSTAL, David. (2000) *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

GODOY, Luisa. (2008) *Os verbos recíprocos no PB: interface sintaxe-semântica lexical*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

_____. (2009) Os verbos recíprocos no PB e a hipótese da determinação semântico-lexical sobre a sintaxe. *ALFA – Revista de Lingüística*, 53 (1): 283-299.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina F.; LOPES, Ruth Elisabeth V. (2007) *Manual de Sintaxe*. Florianópolis, Insular.